

**IDENTIDADE NACIONAL, DIFERENÇA E CONFLITO NA WIKIPÉDIA:
uma análise sobre os processos de negociação em projetos colaborativos**

Marcelo Benevides Lopes¹

Resumo: A proposta do presente artigo é observar os processos de construção de identidades nacionais e negociação de diferenças na Wikipédia, enciclopédia *online*, cujo conteúdo está sujeito a intervenções de quaisquer usuários. A análise foi feita a partir de discussões e textos dos artigos do verbete “Brasil” das versões em inglês e português do projeto, tentando buscar um entendimento de como estas dinâmicas identitárias e relações de alteridade são organizadas em projetos colaborativos que funcionam sob a ideologia do *copyleft*.

Palavras-Chave: Identidade. *Copyleft*. Cibercultura.

Abstract: This paper aims at observing the national identities’ building processes and the negotiations about differences in Wikipedia, the online encyclopedia whose content is subjected to interventions of its users. The analysis is based on discussions and texts of the entry “Brazil”, both in the English and the Portuguese versions, attempting to understand how identities and othernesses are organized in collaborative projects working under copyleft ideology.

Keywords: Identity. Copyleft. Cyberculture.

1. Introdução

Copyright, “cultura livre”, propriedade e generosidade intelectuais (LESSIG, 2005) são apenas alguns dos assuntos inerentes à potencialização dos efeitos de produção e circulação de informações no espaço de fluxos desterritorializado que caracteriza os

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: benevidesmarcelo@yahoo.com.br.

ambientes virtuais da internet. Com o crescimento do movimento do Software Livre, a partir da idealização da licença GPL (Licença Pública Geral) em 1988, estas potencialidades e discussões vêm sofrendo um redirecionamento, com o aprimoramento do conceito de *copyleft*, que

pode ser definido como processos de transformação de obras onde o usuário pode adicionar informações e transformações desde que a obra continue livre para novas transformações. A essa apropriação criativa e coletiva de trabalhos chama-se de *copyleft*, termo surgido em oposição ao termo *copyright*. (LEMOS, 2004a, p. 21)

Desenvolvem-se, dessa forma, os projetos colaborativos de construção de conteúdo, nos quais seus participantes desfrutam de uma suposta liberdade de utilização e criação, seja nos processos artísticos (na produção cultural), seja nas dinâmicas informacionais, com a manipulação e intervenção direta em textos e imagens. Configuram-se, mais próximos do que foram idealizados, os rizomas propostos por Deleuze e Guattari (1997), no que diz respeito aos princípios de conexão, heterogeneidade e multiplicidade. Lemos (2002, p. 146), ao analisar as estruturas rizomáticas, descreve-as como esquemas que “não nos dão a imagem de uma hierarquia superior e determinante de um sistema centralizado”. Longe de cair no devaneio utópico que muitas vezes permeia o discurso de alguns estudiosos da cibercultura, o que se propõe aqui é que os ambientes colaborativos da internet caracterizam-se como zonas de negociação de diferenças e conflito de identidades, mesmo que obedeçam a uma estrutura “rizomática” e horizontalizada de produção de conteúdo, sob a bandeira libertária do *copyleft*. Como lembra Lemos (2004a, p. 11), a ideologia do *copyleft* se aplica às dinâmicas culturais em geral, uma vez que são ativados processos de “troca, cooperação e influência mútua”. Tais procedimentos, no entanto, estão suscetíveis a instabilidades inerentes à construção de identidades nacionais nas redes informacionais desterritorializadas e, por conseguinte, nos esquemas coletivos, já que seus usuários estão sujeitos a realidades distintas e socialmente construídas: “com o estabelecimento de subuniversos de significação, emerge uma multiplicidade de perspectivas sobre a sociedade total, cada qual a considerando do ângulo destes subuniversos”. (BERGER; LUCKMANN, 1985, P. 118).

O desvario com que se tem abraçado as possibilidades de produção de informação com as novas tecnologias de comunicação tem deixado de lado o processo conflituoso de identidades transposto para o universo *online* e, conseqüentemente, a ambientes colaborativos. O aprimoramento da internet trouxe certa opacidade ao discurso pós-colonialista, tendo a “democratização” como palavra de ordem dos visionários do

ciberespaço. Canclini (2005) é um dos autores que alerta sobre os perigos da equiparação do multiculturalismo à democracia, uma vez que, dentro de determinadas perspectivas, a própria cultura pode funcionar como instância de organização da identidade, espaço de reprodução social, conformação da hegemonia política legitimadora ou como dramatização de conflitos sociais. Dentro das potencialidades da produção cooperativa *online*, no entanto, ressurgem o jogo entre renegociação ou supressão de diferenças, uma vez que são extintas as barreiras para a participação, reformulando antigos modelos das indústrias culturais e sistemas dominantes de representação a partir da descentralização do pólo emissor e da interferência do usuário/criador em cada produto desenvolvido sob a ótica do *copyleft*. As formas de representação difundidas por outros *media* terminam assumindo igual ou maior complexidade quando se discute o colaborativismo na *web*. A identidade cultural, sobretudo a nacional e local, e o modo como certos modelos passam a circular pela internet, ganham novos processos de construção e legitimação. A permissividade e permeabilidade com que culturas – sobretudo como processos de significação – são negociadas não escapam do terreno conflituoso que são as redes de informação. A pretensa liberdade do “faça você mesmo” tecida pelo imaginário *cyberpunk*² também está sujeita a confrontos ideológicos. As “comunidades imaginadas” (HALL, 2006) organizadas a partir do discurso pós-moderno, para o qual as culturas nacionais são compostas não apenas de instituições, mas também de símbolos e representações, transfiguram-se em comunidades virtuais onde permanecem noções como o sentimento de pertencimento e o reforço da identidade local frente ao fluxo global de informações. O movimento de resistência é facilitado pelas possibilidades das mídias digitais, redirecionando as trocas culturais do territorial para o extraterritorial. Como afirma Canclini (2005), é necessário fugir da exaltação com que, frequentemente, estes processos de fragmentação e nomadismo culturais são abordados, sendo necessária uma ótica que examine a realidade das representações do Terceiro Mundo. E evitar, no caso do Brasil,

O círculo vicioso armado pelo senso comum que opõe os estrangeiros, pretensamente incapazes de entender o Brasil, aos brasileiros, exportando para o resto do mundo apenas uma imagem subalterna de si mesmos. Dessa armadilha, associada a um possível deslocamento próprio do contemporâneo, escaparemos ao assumir a sofisticação das representações, ou seja, deixando de lado a redução típica da visão colonial. (CUNHA FILHO, 2006, p. 4)

² De acordo com Lemos (2004b, p. 172), o lema dos *cyberpunks* é: “a informação deve ser livre; o acesso aos computadores deve ser ilimitado e total. Desconfie das autoridades, lute contra o poder; coloque barulho no sistema, surfe essa fronteira, faça você mesmo”. O autor defende a idéia de que o imaginário *cyberpunk* marca toda a cibercultura, unindo as tecnologias digitais à sociabilidade contemporânea.

Parte-se, assim, do pressuposto que as nações são processos de construção compartilhados (CASTELLS, 2006) e que toda realidade é subjetiva e encontra-se em relação dialética com a sociedade, para então adentrar no arenoso terreno onde se dão as relações de cooperação e conflito que caracterizam os projetos de construção colaborativa de conteúdo.

2. “A enciclopédia livre”

A Wikipédia³ é uma enciclopédia online criada em 2001, sucedendo a Nupedia, que reunia especialistas que trabalhavam cooperativamente num projeto onde, através do sistema de *copyleft*, seu conteúdo poderia ser redistribuído livremente. A Nupedia funcionava sob a plataforma Wiki⁴, que, resumidamente, é uma coleção de hipertextos que podem ser diretamente editados por qualquer um (VOSS, 2005). As edições sofridas pelos wikis são gravadas e podem ser visualizadas através de um histórico de alterações. Autointitulada de “a enciclopédia livre”, a Wikipédia, ao contrário de sua antecessora, abriu seu conteúdo para qualquer usuário, cadastrado ou não. Atualmente, o projeto agrega mais de 4,7 milhões de verbetes⁵, distribuídos em versões que correspondem a mais de 200 idiomas. A versão inglesa é a que reúne a maior quantidade de artigos (aproximadamente 1,8 milhão), enquanto a versão portuguesa possui cerca de 260 mil (à frente, por exemplo, da versão espanhola). Além do histórico, cada verbete possui uma página de discussão relativa a seu conteúdo, onde os usuários debatem sobre sua construção. Com a tentativa de garantir a neutralidade de seus textos e, assim, supostamente, evitar quaisquer tipos de conflitos, a enciclopédia ainda dispõe de operadores como o Princípio da Imparcialidade⁶ e as Normas de Conduta⁷.

Para Gillmor (2004, p. 148, T. do A.), a Wikipédia constitui uma comunidade “que tem as ferramentas certas para cuidar de si mesma”. De fato, os atos de vandalismo sofridos pelo projeto passam, na maioria das vezes, por um rápido processo de recuperação, transparecendo a capacidade de auto-regulação dos wikis. No entanto, a enciclopédia, enquanto projeto de construção colaborativa de conteúdo, também pode ser considerada como

³ <http://www.wikipedia.org>

⁴ “Wiki” é uma expressão havaiana que significa “rápido”.

⁵ Em acesso realizado a 7 de junho de 2007

⁶ http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikipedia:Princ%C3%ADpio_da_imparcialidade

⁷ http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikipedia:Normas_de_conduta

uma zona de conflito. Os processos de negociação e construção de identidades, por conseguinte, são potencializados devido à estrutura aberta de produção dos wikis. Os usuários da Wikipédia usam, então, estratégias para o enfrentamento da alteridade e a negociação da diferença. Tais estratégias podem ser observadas, por exemplo, quando se analisa o verbete “Brasil” pertencente à versão portuguesa⁸ e à inglesa⁹.

2.1 “Invasões estrangeiras”

A formação de comunidades de interesse frente ao processo de globalização já foi abordada sob os mais distintos vieses. A identificação do indivíduo com o grupo, como lembra Recuero (2001) ao observar a natureza das comunidades virtuais, é fator determinante da condição humana. Bauman, por sua vez, vê o comunitarismo como uma reação esperável à acelerada “liquefação” da vida moderna, acima de tudo ao crescente desequilíbrio entre a liberdade e as garantias individuais. Dentro da perspectiva da formação da identidade nacional, o autor lembra que nem o credo patriótico nem o nacionalista admitem a possibilidade de que as pessoas possam se unir mantendo-se ligadas às suas diferenças, mas se beneficiam disso de forma a separar ainda mais pontos diametralmente opostos como “nós” e “eles”: “as fronteiras não reconhecem e registram um estranhamento já existente; elas são traçadas antes que o estranhamento seja produzido” (BAUMAN, 2001, p. 201). A cultura nacional, por sua vez, é categorizada por Hall como um discurso; logo, tem poder de “produzir sentidos sobre a ‘nação’, sentidos sobre os quais podemos nos identificar” (HALL, 2006, p. 51). Partindo dos mecanismos de regulação dos wikis, associados às noções de formação comunitária na contemporaneidade e às dinâmicas de afirmação de identidades nacionais, tem-se o cenário ideal para darmos prosseguimento à nossa análise.

Tendo em vista os processos de formação e conflito identitários, o verbete “Brasil” da Wikipédia em língua portuguesa nos leva a alguns questionamentos. Na página em que está apresentado o artigo, a princípio o texto sugere o já comentado Princípio da Imparcialidade. A forma como as estruturas do discurso são articuladas em certas ocasiões, no entanto, leva ao retorno ao senso comum apontado por Cunha Filho (2006) e citado anteriormente. O título do tópico “Invasões Estrangeiras”, integrante da seção em que se trata do período colonial da

⁸ <http://pt.wikipedia.org/wiki/Brasil>

⁹ <http://en.wikipedia.org/wiki/Brasil>

história do Brasil, já nos remete a uma idéia do modo como se dá as relações de alteridade. As noções de colonização e dominação são transplantadas com grande impacto na página de discussão relativa ao verbete. Dessa vez, a negociação é efetivada entre países de língua portuguesa, sobretudo Brasil e Portugal – o idioma cria desavenças por conter certas especificidades em cada localidade, como se pode ver no exemplo a seguir, onde um usuário anônimo defende a oficialidade do português falado no Brasil¹⁰:

São 180 milhões de pessoas com uma homogeneidade linguística maior do que em Portugal (10 milhões), onde quem é do Norte quase não entende quem é do Sul. O fato do português ter se originado na Península Ibérica não quer dizer que o eixo matriz e principal da língua não possa migrar, e é o que ocorreu. Hoje, o Brasil tem uma língua muito mais próxima do português original (especialmente na pronúncia) do que o próprio Portugal. Como elemento vivo, a tendência é o português de Portugal se assimilar ao do Brasil pela influência dos meios de comunicação.

Num outro tópico, quando é discutida a idéia histórica do processo de independência do Brasil em relação a Portugal, há ainda algumas polêmicas referentes a datas consideradas oficiais por cada país. A seguir, dois trechos da discussão:

Ô minha boa gente portuguesa: que absurdo é esse de vincular a declaração de Independência do Brasil com o reconhecimento por parte do Império de Portugal? Isso não existe em Direito Internacional ou Constitucional, eis que, como em todas as revoluções, quando ocorre um processo de independência há a quebra e obliteração da ordem jurídico-política preexistente. Assim, é totalmente dispensável a informação do reconhecimento imperial, como se fora requisito para a independência.

(...)

Um país só se torna independente depois de ser reconhecido, em especial pelo país-mãe. Apesar da independência de Portugal ter sido em 1128, só se considera 1143, quando foi reconhecida (...) E, para calar os ânimos que tornou a independência do Brasil possível não foi D. Pedro I do Brazil, mas sim o seu pai D. João VI. Sim, o rei de Portugal!! Está mais que provado isso.

Percebe-se, assim, um viés essencialista no processo de construção de identidades nacionais, uma vez que, nos casos observados, está se desenvolvendo um procedimento rígido, inflexível, uma auto-afirmação histórica de mão única em detrimento de uma relação frouxa, fluida, intercambiável. Tendo identidade e diferença como fatores interdependentes, o que se vê na discussão ilustrada é a pura evocação de mitos de fundação (HALL, 2006) e

¹⁰ Na transcrição dos exemplos, foram respeitadas as formas gramaticais com que os textos postados foram escritos.

fronteiras do passado. Sobre isto, Woodward (2000, p. 11) comenta que a afirmação das identidades nacionais é historicamente específica, reforçando que “uma das formas pelas quais as identidades estabelecem suas reivindicações é por meio do apelo a antecedentes históricos”. Tais apelos estão notadamente presentes na forma como os discursos dos usuários da Wikipédia são desenvolvidos, no que diz respeito às noções de dependência/independência do Brasil em relação a países europeus – no caso, especificamente, Portugal. Nesse momento, lembramos que é por meio da representação que a identidade e a diferença se ligam a sistemas de poder. Assim, ainda levando em consideração o ponto de vista essencialista com que o texto do artigo do verbete ganha corpo, os processos de formação étnica e demográfica do Brasil também são legitimados de modo a retomar o senso comum. Ainda no tópico “Invasões Estrangeiras”, por exemplo, quando se abordam os quilombos, o texto confere uma aura *underground* ao movimento de resistência negra, subestimando a forma como tais organizações foram importantes para a consolidação da segregação étnico-racial sofrida pelos negros, cuja discussão política persiste até os dias atuais:

Este "*sub-mundo*" (**grifo nosso**) foi finalmente destruído, não sem uma resistência heróica e violenta, pelos bandeirantes portugueses comandados por Domingos Jorge Velho, tendo seu líder sido morto e decapitado (segundo a tradição não-oficial, Zumbi teria conseguido fugir).

Nas questões demográficas, as cidades do Nordeste do Brasil são retratadas com imagens de praias (FIG. 1), enquanto as regiões Sudeste e Sul são ilustradas por arranha-céus (FIG. 2). Além de praias, a imagem de uma favela na cidade de Salvador (FIG. 3) é destaque de um tópico denominado “Problemas Sociais”. As relações de alteridade traçadas nas representações de regiões do próprio Brasil reforçam, então, a idéia da institucionalização de conceitos antagônicos como exotismo (Nordeste) e urbanismo (Sul e Sudeste), e pobreza (Nordeste) e riqueza (Sul e Sudeste):



Figura 1 – Praia de Boa Viagem, no Recife

Fonte - http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Boa_viagem.jpg



Figura 2 – Cidade de São Paulo

Fonte - http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:SP_saopaulo_17_g.jpg



Figura 3 – Favela em Salvador

Fonte-<http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:SalvadorDaBahiaFavelaBonfim.jpg>

Curiosamente, no mesmo tópico, as favelas eram anteriormente representadas por uma foto do Vidigal, no Rio de Janeiro, tendo sido modificada por um usuário da Wikipédia identificado como Meyernet:

Altere a foto da favela do Vidigal para uma favela em Salvador. Essa imagem é muito mais rica em detalhes para se conhecer uma favela.

Quanto a isso, Canclini (2005, p. 47, T. do A.) afirma que “quem supõe que nas diferenças culturais está sua maior fortaleza, tende a absolutizá-la”. Martín-Barbero (2006, p. 61) nos lembra que a identidade local é “conduzida para se transformar em uma representação da diferença que a faça comercializável, isto é, submetida a maquiagens que reforcem seu exotismo e a hibridações que neutralizem suas classes mais conflitivas”. Os exemplos citados questionam a afirmação de entusiastas das novas tecnologias de que a internet funciona como instrumento de integração nacional e democratização ou se legitimam a ideologia do “capitalismo virtual” (KROKER, 1996). Dentro dessa perspectiva, os processos colaborativos, tendo a Wikipédia como foco, podem reproduzir certos modelos difundidos por outros sistemas de representação, lidando com questões-padrão remetidas ao Brasil (“belezas naturais”, problemas sociais associados ao Nordeste) e à sua relação com outros países de língua portuguesa (historicidade). Para fugir da visão essencialista com que os exemplos analisados foram conduzidos no verbete, é necessário que se adote uma perspectiva crítica das redes cooperativas, integrando a internet ao campo de discussões do processo de formação de identidades na contemporaneidade.

2.2 “O Brasil não conhece o Brazil”

Retomando a idéia de Canclini (2005) de que a cultura pode ser tratada como um mecanismo de conformação do consenso e da hegemonia, têm-se conceituações distintas para o multiculturalismo, que se daria com a admissão da diversidade e a aceitação do heterogêneo, e o interculturalismo, ligado ao processo globalizante, e que se difere por seus modos de negociação e conflito, remetendo à confrontação e ao entrelaçamento de grupos sociais. O processo descrito ainda nos remete à constatação anterior de que, sob um ponto de vista essencialista, o processo de formação identitária e as relações de alteridade nos projetos

de construção colaborativa de conteúdo são produzidos sob diversas versões da história – tem-se a historicidade como fator de defesa de identidades específicas. No caso do verbete “Brasil” da versão inglesa da Wikipédia, inicialmente, pode-se dividir os usuários que participam da discussão e da elaboração do artigo relacionado ao país em três grandes grupos predominantes:

- a) brasileiros que escrevem na língua inglesa
- b) brasileiros que escrevem na língua portuguesa
- c) usuários não-brasileiros que escrevem na língua inglesa

A discussão em torno do Brasil está basicamente direcionada sobre duas linhas: a da história – onde se discutem dados “oficiais” ou “não-oficiais” – e os relativos à formação cultural do Brasil. Desta vez, os processos de negociação se complexificam, devido ao fato de a língua inglesa estar envolvida. A idéia inicial de auto-exaltação e evocação de origens como mecanismo de defesa é praticada, fazendo com que a marcação da diferença ganhe sentido por meio da atribuição de “sistemas classificatórios” (WOODWARD, 2000, p. 39), que ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por formas de exclusão social, como podemos observar na discussão que se segue¹¹:

Let us not forget, fellow Brasileiros, that for Brasileiros there's no better culture than the Brasileira. The brazilian culture is garbage, "playas belas", "soccer", "popozudas" is all garbage. The Brasileira culture, with our artists, musicians, dances, the Frevo, the Capoeira, the Candomblé, the Gaúchos, and every other true original Brasileiro aspect is perhaps the only thing that should pride ourselves, filling our lungs so that we can say "Orgulho de ser Brasileiro". Viva a cultura Brasileira meus irmãos.

(...)

Agreed. Guess that the true vandalism is protecting braZil instead of Brasil.

(...)

If you don't like the English language, what are you doing here in the English Wikipedia?

No exemplo acima, com a intenção de supervalorizar a cultura brasileira, um dos usuários retoma o propósito ufanista de uma política defensiva ao afirmar que “there's no better culture than the Brasileira”. Ao negar o sistema de classificações (“playas belas”,

¹¹ A língua inglesa foi mantida nos exemplos, a fim de preservar a forma gramatical com que os textos postados foram escritos.

“soccer”, “popozudas”), legitima a marcação da diferença no processo de construção de identidade em foco, assim como ocorre no trecho seguinte onde se problematiza a relação dos brasileiros com a língua inglesa (“if you don’t like the English language, what are you doing here in the English Wikipedia?”).

Considerando a identidade como uma dinâmica em constante realização, leva-se em conta que os processos sociais envolvidos na formação e afirmação identitária são determinados de acordo com certas tipificações. E, como tais tipificações são geradas a partir de realidades sociais e históricas distintas, as discussões estão envolvidas num universo simbólico que “localiza todos os acontecimentos coletivos numa unidade coerente, que inclui o passado, o presente e o futuro. Com relação ao passado, estabelece uma ‘memória’ que é compartilhada por todos os indivíduos socializados na coletividade” (BERGER; LUCKMANN, 1985, P. 140). É o que podemos observar no tópico de discussão “Vicent Yáñez Pinzón did not discover Brazil”, onde se debate a presença do navegador espanhol citado no título em território brasileiro, fazendo-se um contraponto ao português Pedro Álvares Cabral e redimensionando a evocação de um suposto passado histórico – compartilhado de acordo com cada uma das memórias coletivas – como ferramenta de legitimação:

To say that Vicente Yañez Pinzón discovered Brazil is not only historically wrong, but it is an insult to Brazilians and Portuguese people. Whoever believes otherwise, we want to see your sources (and no, a Spanish encyclopaedia doesn't count).

(...)

Only people from Pernambuco thinks so. Even if that is the case, once again, that was NOT BRAZIL at the time. It was annexed. So what? Let me put it this way: Kaliningrad is a province in the Middle of Europe that belongs to Russia (annexed by Russia during Soviet times). This doesn't mean, that Russia was founded by King Ottokar II, does it?

O “exotismo” com que certos aspectos do Brasil são tratados na versão em português, desta vez, é mesclado com o mecanismo de auto-exaltação descrito anteriormente, com a exibição de imagens turísticas e de certos estereótipos como o Cristo Redentor e o carnaval do Rio de Janeiro (FIG. 4), mesmo que tal postura autoreferencial esteja sobreposta a um processo de tipificação da pobreza – desta vez, com a foto da favela do Vidigal (FIG. 5) que havia sido retirada da versão em português do verbete:



Figura 4 – Carnaval do Rio de Janeiro

Fonte - http://en.wikipedia.org/wiki/Image:Carnival_in_Rio_de_Janeiro.jpg



Figura 5 – Favela do Vidigal, no Rio de Janeiro

Fonte - <http://en.wikipedia.org/wiki/Image:RiodeJaneiro-Favela.jpg>

Observa-se, então, que a cultura influencia os processos comunicativos efetivados na estrutura desterritorializada formada a partir do ciberespaço, tornando-se um risco que indivíduos e grupos posicionem suas identidades e etnicidades a partir de pontos de vistas restritamente historicistas, em contraponto a uma ligação com referências sociais e políticas específicas. Aqui, questiona-se a noção de liberdade associada à ideologia do *copyleft*. Assumem-se, assim, as dinâmicas culturais como articulações entre distintos sistemas de significações e o intercâmbio – nada pacífico, vale salientar – de diferentes universos simbólicos. Sobre tais dinâmicas, analisando o caso do verbete “Brasil” na versão inglesa da Wikipédia, não se pode cair no lugar-comum de considerar que a possibilidade de intervenção dos usuários, divididos nas categorias descritas acima, permita harmonizar leituras subjetivas

de mundo, condicionadas, por sua vez, por modelos estabelecidos através da história e, por vezes, construídos sob uma ótica dominante.

3. Considerações Finais

As possibilidades de colaboração potencializadas através do *copyleft* fazem pensar os wikis como ferramentas reestruturadoras de dinâmicas culturais ocorridas no ciberespaço. É preciso, no entanto, não cair na lógica determinista que permeou o discurso da cibercultura no processo de aprimoramento das tecnologias digitais de comunicação, com o uso indiscriminado de termos como *prosumers*¹² (TAPSCOTT; WILLIAMS, 2006), que levam a visões generalistas que profetizam o cooperativismo na *web* – e mais precisamente a plataforma Wiki – como princípio reorganizador social na *web*. De fato, algumas mudanças na forma de rearranjo de conteúdo na internet são inevitáveis, dado o apagamento das barreiras de participação na Wikipédia e em outros projetos similares. Por outro lado, as fronteiras entre a representação de determinados conteúdos por sistemas dominantes e aqueles que são legitimados na enciclopédia nos traz uma confusa distinção entre os *mass media* e as formas interpessoais de comunicação possibilitadas em ambientes virtuais. Afinal,

existem certamente regras comuns a cada tecnologia de comunicação, mas o mais importante é a maneira como cada cultura se reapropria da técnica em relação ao seu universo social, mental e cultural, como o demonstram desde sempre os historiadores e os antropólogos. (WOLTON, 2003, p. 124)

No caso da Wikipédia, a partir dos verbetes analisados aqui, tem-se uma predominância do senso comum, ocorrendo o processo de “fechamento” sugerido por Hall (2000), onde a identificação é construída pelo reconhecimento de uma origem “comum” – e, como todo projeto de negociação, está sujeita à marcação de diferenças a partir deste “fechamento”, o que, por si só, seria uma contradição em respeito ao próprio pensamento do *copyleft*. Assim, tendo em vista as possibilidades de produção e problemáticas associadas aos wikis, faz-se necessário atualizar a discussão de conceitos antológicos como o traçado por Bush (1945), que previu a idéia do hipertexto como extensão da memória humana (através de

¹² Termo que une as palavras *producer* (produtor) e *consumer* (consumidor), que dá a idéia de união dos dois papéis nos projetos colaborativos.

um aparelho de recuperação de informações denominado Memex), dada sua capacidade de armazenamento de informações, idéia que mais tarde seria retomada por Lévy (1998) em sua definição de “inteligência coletiva”, que aproveita cada laço humano e aperfeiçoa as relações de produção de conhecimento de acordo com as reconstruções identitárias realizadas por coletivos inteligentes. Autores como Turkle (1997), então, remetem às idéias pós-modernistas de fragmentação do sujeito para a situação da formação identitária no ciberespaço; a fluidez com que as negociações de diferenças são efetuadas durante a afirmação de identidades nacionais na Wikipédia, portanto, faz com que nos questionemos sobre a plasticidade e intersecção dos conceitos situados ao cruzamento entre os estudos culturais e as teorias da cibercultura – afinal, cultura e tecnologias possuem, naturalmente, limites tênues entre si. Em outras palavras, deve-se adotar uma postura crítica frente à extinção de sistemas de hierarquias proposta por projetos colaborativos, tendo consciência da turbulenta negociação cultural ligada a tais processos, deixando de lado o generalismo determinista que parece absorver certos discursos que abordam o tema.

Referências:

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1985.

BUSH, Vannevar. As we may think. In: **Atlantic Monthly**, Boston, v. 176, n. 1, , pp. 101-108, 1945. Disponível *online* em: <<http://www.theatlantic.com/doc/194507/bush>>. Acesso em: 14 de junho de 2007.

CANCLINI, Nestor García. **Diferentes, desiguales y desconectados: mapas de la interculturalidad**. Barcelona: Gedisa, 2005.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

CUNHA FILHO, Paulo C. **Imagem, alteridade e autonomia subalterna**: nota sobre a sobrevivência dos estereótipos nas representações estrangeiras do Brasil. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Cultura das Mídias”, do XV Encontro da Compós, na Unesp, Bauru, SP, em junho de 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 1. São Paulo: ed. 34, 1997.

GILLMOR, Dan. **We, the media: grassroots journalism by the people, for the people**. Sebastopol, CA: O'Reilly Media Inc, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

_____. Quem precisa da identidade?. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

KROKER, Arthur. Virtual Capitalism. In: ARONOWITZ, Stanley; MENSER, Michael; MARTINSONS, Barbara (orgs). **Technoscience and Cyberculture**. New York: Routledge, 1996.

LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

_____. Apropriação, desvio e despesa na cibercultura. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da (orgs). **A genealogia do virtual: comunicação, cultura e tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2004b.

_____. Cibercultura, cultura e identidade. Em direção a uma “cultura copyleft”?. In: **Contemporanea. Revista de Comunicação e Cultura**, Salvador, v. 2, n. 2, p. 9-22, 2004a.

LESSIG, Lawrence. **Cultura livre: como a grande mídia usa a tecnologia e a lei para bloquear a cultura e controlar a criatividade**. São Paulo: Trama, 2005.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação do novo século. In: MORAES, D.(org.). **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

RECUERO, Raquel da Cunha. **Comunidades virtuais: uma abordagem teórica**. Trabalho apresentado no V Seminário Internacional de Comunicação, no GT de Comunicação e Tecnologia das Mídias, promovido pela PUC/RS, em 2002.

TAPSCOTT, Don; WILLIAMS, Anthony D. **Wikinomics: how mass collaboration changes everything**. New York: Penguin Books, 2006.

TURKLE, Sherry. **A Vida no ecrã**: a identidade na era da internet. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 1997.

VOSS, Jakob. **Measuring Wikipedia**. Disponível em: <<http://eprints.rclis.org/archive/00003610/01/MeasuringWikipedia2005.pdf>>. Acesso em: 14 de junho de 2007.

WOLTON, Dominique. **Internet, e depois?** Uma teoria crítica das novas mídias. Porto Alegre: Sulina, 2003.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.